

**REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS
PORTUGUESES DE EDUCAÇÃO
BÁSICA SOBRE LEITURA E BIBLIOTECA
ESCOLAR (ESTUDO DE CASO DUMA
ESCOLA PÚBLICA URBANA)**



Vol. 9 Número 18 jul./dez. 2014

p. 627 - 639

**REPRESENTATION OF PORTUGUESE
STUDENTS OF BASIC EDUCATION
ABOUT READING AND SCHOOL
LIBRARY (CASE STUDY OF AN
URBAN PUBLIC SCHOOL)**

Ernesto Candeias Martins ¹

RESUMO: Os objetivos deste estudo de caso, realizado no ano letivo 2012-13, numa escola pública portuguesa são: compreender as representações dos alunos duma turma do 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico (n=26 alunos), sobre o uso da biblioteca escolar e como convertem a leitura de livros na melhoria da sua aprendizagem; analisar as atividades realizadas pelos alunos, partindo de obras literárias de modo a promover-lhes competências básicas de leitura. A área curricular da língua e comunicação é fundamental naquele nível de ensino para desenvolver as relações de vínculo e interesse dos alunos com a leitura. É uma investigação inserida no paradigma interpretativo tendo aplicado na prática um programa de atividades pedagógicas de leitura de livros (metodologia investigação-ação). Utilizámos a observação (natural, participante) na análise aos interesses de leitura, as produções orais/escritas dos alunos, entrevista à professora, questionários aos alunos, triangulação de dados, registos visuais e notas de campo. Concluímos que a leitura é uma das chaves para o sucesso escolar dos alunos, sendo uma ferramenta essencial para criar hábitos e desenvolver competências básicas de literacia, quer no domínio das palavras, dicção, vocabulário e oralidade, bem como do conhecimento subjacente à aprendizagem da linguagem escrita. As atividades de leitura e o uso da biblioteca foram muito valorizadas pelos alunos, criando-lhes 'gosto' por uma literacia informal.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, biblioteca escolar, educação básica, literacia, investigação-ação.

ABSTRACT: The objectives of this case study, conducted in the

¹Doutor em Ciências da Educação (Universitat de Illes Balears – Palma Mallorca – Espanha)

2012-13 school year, Portuguese public school are: understanding students' representations of a class of the 3rd year of the first Cycle of basic education (n=26 students), about using the school library and how to convert the reading of books in improving their learning; analyze the activities carried out by the students, from literary works in order to promote their basic skills in reading. The curricular area of language and communication is crucial in that level of education to develop and link relations interests of students with reading. It is an investigation into the interpretative paradigm and applied in practice a program of educational activities of reading books (Research-action methodology). We used the observation (natural, participant) in the analysis of interests reading, oral/written productions of the students, teacher interview, questionnaires to students, triangulation of data, visual recordings and field notes. We conclude that reading is one of the keys to school success of students, being an essential tool to create habits and develop basic skills of literacy, both in the field of words, diction, vocabulary, and oral language as well as the underlying knowledge to learning of written language. Reading activities and the use of the library are much valued by students, creating them 'like' for an informal literacy.

KEYWORDS: reading, school library, basic education, literacy, research-action.

Questões introdutórias

Partimos da ideia de que o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura constitui um processo constante que principia no ambiente familiar e se aperfeiçoa na escola e subjaz pela vida fora. É pertinente a intervenção em torno aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) sobre o papel da leitura, do uso da biblioteca escolar e da literacia da informação na sua aprendizagem. É verdade que estes alunos, de um modo geral, partilham a leitura, requisitam livros na biblioteca da escola, sendo que muitos deles são lidos em contexto de sala de aula e outros em suas casas. Sabemos que a área curricular da Língua Portuguesa e Comunicação é fundamental no 1.º CEB, de modo a compreender os usos que os alunos fazem da biblioteca escolar e as suas representações sobre este espaço escolar no seu processo educativo (REIS, 2009, p. 17-28; ROSA, 2003, p. 113-115). Da nossa prática supervisionada aos futuros professores do ensino básico pensamos que essas representações desenvolvem relações de vínculo e interesse dos alunos com a leitura (SIM-SIM, 2001, p. 53).

O presente estudo foi norteado pelo seguinte problema: O que leva os 26 alunos do 3.º ano do 1.º CEB numa escola urbana dum Agrupamento de Escolas em Castelo Branco (Portugal) a tornar significativa a leitura de livros na melhoria da sua aprendizagem (língua portuguesa e comunicação verbal) e desenvolver as representações da leitura ao nível de contato com o escrito. A finalidade é o de melhorar o impacto do plano de literacia da informação do Agrupamento de Escolas no desenvolvimento de competências dos alunos. De facto, o nível de literacia da informação dos alunos e a forma como é operacionalizada pelos professores apresenta algumas deficiências que quisemos eliminar através de um programa de intervenção (MSI, 1997; REIS, 2009).

Há ações consideradas como boas práticas para o desenvolvimento da literacia da informação a sua integração no currículo e nos projetos estruturantes da escola e o desenvolvimento de atividades ativas, centradas nos alunos e com a colaboração entre professores, que visem melhorar as suas competências para encontrar, avaliar, usar e comunicar informação, de forma ética e eficaz. A análise efetuada aos dados recolhidos revelou-nos que não existia um trabalho sistemático do desenvolvimento da literacia da informação por parte dos professores e os alunos eram pouco autónomos na realização das suas pesquisas. Apuramos que os alunos pouco ou nada utilizavam o modelo de pesquisa da biblioteca escolar e que os recursos de informação eram pouco diversificados. Desta análise

detetamos que a biblioteca escolar não apresenta as melhores condições para o desenvolvimento dum plano de literacia da informação.

No final das atividades implementadas os alunos aprenderam a utilizarem os livros e os recursos da biblioteca, no âmbito de um ambiente propício à construção do conhecimento e prática educativa centrada na aprendizagem da leitura e escrita (TODD, 2003, p. 26-27). Embora as pesquisas sejam pedidas com frequência pelos professores, na maioria das vezes os alunos não recebem formação relativamente ao modo como devem proceder para realizar esses trabalhos, limitando-se a copiar a informação pedida (CALIXTO, 2003, p. 46-48). O estudo foi enriquecedor para a construção de conhecimentos e competências nos alunos, promovendo-lhes o gosto pela leitura e o seu 'imaginário'.

Enquadramento teórico – conceptual

Sabemos que a leitura de histórias são ferramentas pedagógicas com um grande leque de imaginação e magia para as crianças em idade escolar (PINTO, 2002, p. 96-99). O desenvolvimento de competências de leitura, o bom uso da biblioteca escolar e dum plano de literacia da informação, que não está plenamente integrado no currículo, deverá superar as diversas dificuldades que apresentam os alunos do 1.º CEB, ao nível do acesso, seleção e utilização da própria informação.

Calixto (2003, p. 41) explica que o conceito de 'literacia' está associado às competências de leitura e de escrita e tem-se alargado conjuntamente com o conceito de leitura. Segundo Calixto, investigadores como Scriber e Cole que "(...) há muito sublinharam a extensão do conhecimento da leitura e da escrita às reais capacidades de utilizar estas competências". Para estes autores literacia não é apenas saber ler e escrever um texto, mas sim, ser capaz de aplicar esse conhecimento para propósitos e conhecimentos específicos (CALIXTO, 2007). Neste sentido o Estudo Nacional sobre a Literacia, realizado por A. Benavente (1996, p. 4) define literacia, como o "processamento na vida quotidiana (...) das capacidades de leitura, escrita e cálculo, com base em diversos materiais escritos (textos, documentos, gráficos), de uso corrente na vida quotidiana (social, profissional e pessoal)".

M.G.C. Pinto (2002, p. 97) considera que a utilização de literacia em Portugal é relativamente recente, pois foi "a partir de 1995 com a divulgação do Estudo Nacional de Literacia, relatório preliminar, que o termo 'literacia' começou a ser conhecido entre nós". Antes deste estudo sobre a literacia, aquele termo era quase desconhecido entre os portugueses, passando a ter um uso corrente em diversos contextos, de tal modo que apareceram expressões como literacia científica, literacia matemática, literacia da informação, etc. Ou seja, para Pinto (2002, p. 102) a literacia inclui a cultura e o exercício de práticas usadas na escrita, isto é, "o dedicar-se a atividades de leitura e de escrita e o responder às demandas sociais dessas atividades, faz-nos de imediato considerar literacias no plural e não a literacia". Para Tfouni (1995, apud. PINTO, 2002), a literacia é vista como um processo em construção, dependente duma atualização permanente, para acompanhar as mudanças na sociedade.

O papel da literacia da informação na aprendizagem

A literacia da informação apresenta-se como uma extensão natural do conceito literacia. Efetivamente, para um cidadão participar ativamente na sociedade dos dias de hoje não lhe basta dominar as competências de leitura, de escrita e de cálculo, também é necessário que ele identifique a informação necessária à resolução dos problemas e desafios que surgem no seu dia-a-dia, que seja capaz de a localizar, aceder, interpretar, usar e

comunicar. A valorização atribuída às capacidades de estudo dos alunos, ou seja, a capacidade dos alunos de “aprender a aprender” ao longo das várias fases das suas vidas, é um outro fator que, segundo Calixto (2003), tem contribuído bastante para a valorização da literacia. Na perspetiva de Todd (2003, p. 27), ao conceito de literacia da informação cria “experiências de aprendizagem explícitas, sistemáticas, integradas e contextualizadas que promovam o desenvolvimento competências básicas”. Por isso, literacia da informação é o conjunto de competências essenciais para procurar, aceder, processar, avaliar, usar e criar informação, tornando-se num requisito indispensável, pois permite uma utilização eficiente e a construção de conhecimentos e a aprendizagem autónoma ao longo da vida (PIRES, 2005).

Sabe-se que a literacia da informação permite a construção autónoma do conhecimento e que se apresenta como um elemento primordial para a aprendizagem ao longo da vida, promovendo as competências dos alunos, através da implementação de atividades delineadas a partir dum plano de literacia nos agrupamentos de escolas e das orientações referentes à língua portuguesa (REIS, 2009). Ultimamente têm surgido diversas investigações, relatórios e recomendações que incidem sobre a utilidade da literacia da informação, com modelos pedagógicos, que indicam padrões de competência orientadores de ações pedagógicas para o seu desenvolvimento no meio escolar (CONDE, 2010, p. 24-26). No dizer de TODD, 2003, p. 24) “dar informação não é o mesmo que dar o conhecimento”, pois transformar informação em conhecimento é, potencialmente uma “tarefa complexa, desafiadora e gratificante para todos os educadores. Para cumprir esta tarefa é necessário que todos os educadores se esforcem por criar um ambiente propício à construção do conhecimento (SIM-SIM, 2001, p. 52-55). Este ambiente exige a participação dos professores da escola, pelo que todos são chamados a intervir educativamente de forma a melhorá-lo.

O Relatório Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares atribui às escolas e às bibliotecas a função de “criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto” (VEIGA et al. 1997, p. 16). O mesmo relatório destaca que a literacia da informação deve ser objetivo de qualquer disciplina e de qualquer ano de estudo, devendo ser criadas situações, métodos e recursos adequados, que promovam desenvolvimento de competências neste domínio. O programa de Português do Ensino Básico recomenda o desenvolvimento de aprendizagens relacionadas com a literacia da informação. Este documento, no dizer de Reis (2009, p. 38) aponta que durante o 1.º CEB os alunos devem realizar aprendizagens que permitam os seguintes desempenhos:

- Dominar as técnicas que, em suporte de papel e informático, permitem aceder à informação.
- Dominar o léxico do livro e da leitura e dos meios informáticos de acesso à informação.
- Localizar a informação a partir de palavras ou de expressões-chave.
- Utilizar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar, tomar notas, esquematizar”.

As competências em literacia da informação são transversais em todo o currículo dos alunos deste nível de ensino.

Representação dos alunos sobre a leitura e biblioteca escolar

Ler é uma competência que se aprende e se aperfeiçoa, uma capacidade que se aprende e se vai praticando, encontrando-se ligada intrinsecamente ao meio onde nos

encontramos, sendo um caminho iniciado desde os primeiros anos de vida, que se prolongará durante a restante vida do indivíduo. Dai que é preciso criar hábitos e com ele, naturalmente, surge o gosto por ler e pela leitura. Sendo certo que é durante a fase de escolaridade que se desenvolvem os interesses e hábitos de leitura, cabe à escola proporcionar tempos e espaços de leitura diversificados e oferecer atividades regulares de leitura e de contacto com o livro (NOVO, 2007, p. 55-59).

A leitura é, acima de tudo, um processo de compreensão que mobiliza simultaneamente um sistema articulado de capacidades e de conhecimentos. Trata-se numa competência linguística que tem por base o registo gráfico e uma mensagem verbal, o que significa que tudo o que pode ser dito pode ser escrito e tudo o que for escrito pode ser dito (SIM-SIM, 2001, p. 52-53). Na verdade, a leitura pode ser descrita como um elemento do conhecimento na sociedade de informação, ou um meio essencial na aquisição de destrezas, atitudes e competências imprescindíveis no dia-a-dia. Deste modo, a leitura abre um mundo de oportunidades, sendo uma das grandes avenidas para o conhecimento, a maior riqueza que alguém pode ter (SIM-SIM, 2001, p. 61).

Na promoção da leitura em ambiente familiar, consideramos indispensável que a criança manuseie, desde a mais tenra idade, livros de gravuras e que ouça histórias em voz alta, independentemente de não compreender o tema. Ao analisar, com os pais as figuras e personagens, tendo estes o cuidado de definir as coisas observadas, a criança não só desenvolve a linguagem, como também desenvolve o seu primeiro 'vocabulário ocular', perspetivado pelo autor como uma benéfica preparação no domínio da leitura (PIRES, 2005). Para além desta prática, será igualmente importante os alunos frequentarem uma biblioteca pública, pois terão mais variedade de livros. A motivação para a leitura não depende apenas do facto de as crianças viverem rodeadas de recursos materiais mas, particularmente, do tipo de experiências que estas estabelecem com os livros (FÉRNANDEZ & RITA, 2006).

Embora a escola se caracterize por ser um espaço privilegiado na formação de leitores, sucede que nem sempre ela consegue despertar o tão desejado gosto pela leitura. Existe uma necessidade de dispor às crianças e aos jovens, uma panóplia de livros, por forma a expandir os seus centros de interesses. A biblioteca escolar é atualmente perspetivada como o recurso fundamental de qualquer sistema educativo, pois disponibiliza serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem à comunidade educativa tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação (KUHILTHAN, 2004; SILVA, 2002).

Ao recorrermos a uma leitura expressiva e entusiástica será exequível o prazer de ler, tendo o professor um papel preponderante, na seleção de textos, inflexão, ritmo, intensidade, o silêncio, a cadência, a emoção, a encenação, etc. podem ter o condão de seduzir e prender os alunos à leitura. As crianças a quem os pais leem histórias têm melhores resultados escolares, enquanto aquelas a quem os pais nunca leram um livro infantil têm maior dificuldade em contar e escrever histórias na escola (BRAGA, 2009, p. 289-304). A chave do sucesso escolar é a leitura e a escrita, devendo estas fazerem parte da rotina da criança (antes, durante) na escola, já que ouvir e ler histórias constitui um incentivo à imaginação (SILVA, 2000).

Por outro lado, com o advento da sociedade da informação, as bibliotecas constituem espaços abertos à comunidade, sendo encaradas, no dizer de Conde (2010, p. 31), "mais do que meros lugares de localização, acesso e consumo de informação, as bibliotecas escolares são hoje encaradas como espaços criativos de trabalho e de produção de conhecimento". Constitui um contributo no combate à exclusão social, tal como salienta Calixto (1996, p. 120), "a ausência de uma biblioteca escolar penaliza gravosamente os alunos das classes mais desfavorecidas". Para muitos alunos, o contacto com os recursos de informação só é possível na biblioteca escolar, que para além dos meios, oferece experiências culturais, que os alunos de classes mais desfavorecidas dificilmente teriam no

seu ambiente familiar. Assim, as bibliotecas escolares apresentam-se como locais privilegiados no desenvolvimento de hábitos de leitura e formação de cidadãos críticos. De acordo com Todd (2003, p. 24-28), a existência de bibliotecas de qualidade depende de três princípios: o primeiro é que a oferta de informação e de serviços de informação têm um forte impacto na vida dos indivíduos; o segundo prende-se com a intervenção pedagógica da biblioteca escolar e no impacto na qualidade das aprendizagens dos alunos; o terceiro princípio diz respeito à transformação gerada pela intervenção pedagógica da biblioteca escolar. Neste domínio a análise e a divulgação da intervenção da biblioteca, contribui para a valorização dos seus serviços.

Metodologia: 'design' e intervenção

A investigação em educação é essencial para o desenvolvimento e aperfeiçoamento contínua da prática educativa. Adotamos a modalidade de estudo de caso, que constitui um método de investigação para a análise da realidade educativa que consiste essencialmente na descrição e análise pormenorizada de unidades sociais ou entidades educativas e, se destina à compreensão profunda de uma realidade singular (escola, turma-alvo) (BOGDAM & BIKLEN, 1994). Ou seja, ao ser uma metodologia do paradigma interpretativo é particular, porque se foca nas representações dos alunos duma escola; descritivo, porque as representações, enquanto produto final, são uma descrição coerente e rica; heurístico, porque o estudo leva-nos a uma maior compreensão do fenómeno em análise (leitura, uso biblioteca escolar); indutivo, porque o raciocínio indutivo está na base da prática de intervenção; holístico, porque dá uma maior importância "à compreensão e à interpretação" do fenómeno. Desta forma, Bisquerra (1989, p. 76-99), refere que o objetivo geral de um estudo de caso é "explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar".

As questões de investigação que surgiram dos nossos contatos à realidade de estudo foram as seguintes: compreender as representações/percepções dos alunos do 3.º ano do 1.º CEB duma escola urbana de Castelo Branco sobre o espaço da biblioteca escolar; analisar a participação/construção continuada de atividades realizadas pelos alunos, partindo de obras literárias; promover nestes alunos o desenvolvimento de competências básicas de leitura, o gosto pela leitura, implementando um programa de atividades que contemplem as orientações e os recursos à leitura; envolver os professores e alunos da escola para as atividades da leitura e literacia informativa utilizando a biblioteca da escola.

A turma-alvo do 3.º ano de 1.º CEB é constituída por 26 alunos, inscritos na Atividade de Apoio ao Estudo, tendo sido durante o horário desta atividade que realizámos a maioria das atividades da nossa intervenção. A caracterização dos alunos foi feita por observação documental ao projeto curricular da turma, sendo a sua faixa etária entre os sete anos (33%) e oito anos (67%). Aplicamos todos os procedimentos legais e éticos (Protocolo e termo de livre aceitação) da investigação, que decorreu no ano letivo 2012-2013. Para a realização desta investigação, começamos por observar minuciosamente cada aluno da turma-alvo, apreciando as suas presenças à biblioteca, tentando definir os interesses e necessidades de cada um. Dessas observações informais verificamos que não existia apenas um caminho a ser seguido, uma vez que existe uma panóplia de métodos que, apesar de diversos, se complementam entre si. Com tal, englobei as estratégias que considere mais válidas e coloquei-as ao serviço dos alunos da turma, por forma a trabalhar não de acordo com uma metodologia específica, mas sim com a realidade vivenciada in loco.

Técnicas e instrumentos de recolha de dados

As técnicas de recolha de dados e de intervenção utilizadas foram as seguintes:

(a)- Observação natural e participante. De entre as diversas técnicas e instrumentos de recolha de dados por mim utilizados, adotei a observação como a técnica que mais informação me permitiu recolher. A observação participante é uma prática indispensável no contexto de formação de professores, uma vez que nos permitiu tomar conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem (Máximo-Esteves, 2008, p. 87) e neste caso na implementação do programa de atividades.

(b)-Inquérito por questionário. Foi realizado um inquérito por questionário aos 23 alunos do 3.º ano, recorrendo a questões de resposta semifechada, que incluiu as seguintes dimensões: dados biográficos; representações sobre a leitura e frequência de ler, utilidade e espaço da biblioteca escolar. Além de ter sido validado pela técnica de três juízos, a realização do inquérito teve como objetivo determinar as opiniões, preferências e perceções em relação às dimensões referidas.

(c)-Entrevistas semiestruturadas. As entrevistas permitiram 'dar a liberdade aos entrevistados de responderem abertamente' (Máximo-Esteves, 2008 p.73) sendo realizadas à professora da turma (ET), à coordenadora da biblioteca (CBE) e à professora bibliotecária (PB), colocando-lhes 6 questões claras e diretas: “a partir de que anos de escolaridade os alunos começam a requisitar livros?”; “como a frequência com que os alunos do 3º ano se dirigem à biblioteca?”; “tipos de livros que requisitam?”; “porque é que os alunos têm tanto interesse neste espaço?”; “que atividades promoveu a biblioteca”; “é habitual os alunos frequentarem o espaço de leitura da biblioteca?”. de modo a poder assim comparar respostas destas docentes que, apesar de partilharem o mesmo espaço de ensino, poderão ter ou não, visões distintas sobre a temática em apreço. Decorreram num clima cordial, terminando na recolha de informação que foi submetida à análise de conteúdo estabelecendo categorias de análise e evidências.

(d)- Programa de atividades “A Mala Pedagógica”. Este programa foi aplicado no âmbito da metodologia de investigação-ação (IA) em meio escolar, que tem como objeto de estudo as ações e as situações educativas suscetíveis de mudança e/ou que exigem uma resposta prática. A finalidade da IA foi aprofundar a compreensão do contexto de ensino aprendizagem, de forma a poder identificar problemas e agir sobre eles. De acordo com Máximo-Esteves (2008, p. 42), a IA concebe-se como um processo de investigação “conduzido pelas pessoas que estão diretamente envolvidas numa situação e que desempenham, simultaneamente, o duplo papel de investigadores e participantes”. Ou seja, a IA, no âmbito metodologias qualitativas, em cujas propostas se apoia, é um processo dinâmico, interativo e aberto aos emergentes e necessários reajustes, provenientes da análise das circunstâncias e dos fenómenos em estudo. Numa primeira fase planificamos a nossa intervenção para a turma-alvo, bem como os métodos de recolha de informação. Estabelecemos os objetivos das atividades para as dez sessões previstas, com o material adequado. Procurámos conhecer as preferências de leitura dos alunos, as ações desenvolvidas pela biblioteca escolar e pelos professores do 1.ºCEB da escola dirigidas à implementação do plano de literacia, conhecendo os hábitos dos alunos. Para recolher informações fizemos uma entrevista semiestrutura à responsável da biblioteca à professora da turma. Na segunda fase desenvolvemos as atividades planeadas, tendo segundo os objetivos, tendo registado várias informações sobre os alunos (notas de campo).

A intervenção começou com a exploração de diferentes recursos informativos disponíveis na biblioteca da escola. Implicámos os alunos com um conjunto de ações para lhes aumentar o conhecimento sobre a leitura e biblioteca, constituindo uma estratégia de ensino aprendizagem fundamental nos modelos pedagógicos construtivistas, pois desenvolve o hábito de indagar, estimula a curiosidade e imaginação, possibilita a aprendizagem pela descoberta e motiva o trabalho escolar. O programa decorreu no primeiro semestre do ano letivo 2012-2013, sendo organizadas dez sessões de atividades,

uma por semana.

(e)-Produções orais e escritas dos alunos. Considerámos importantes as produções escritas como as orais dos alunos, uma vez que serviram para aferir o seu desenvolvimento, já que refletiam as suas aprendizagens. Tal como refere Máximo-Esteves (2008, p. 92) “a análise dos artefactos produzidos pelas crianças é indispensável quando o foco da investigação se centra na aprendizagem dos alunos”. Houve dois momentos de registo das produções, no início e no final da implementação do programa “A Mala Pedagógica” que nos facultou ideias desenvolvidas ao longo do processo de aprendizagem promovido.

(f)-Notas de campo. Revelaram-se como um recurso fundamental na aquisição de informação, já que incluem registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, dos alunos e das suas (inter) ações e preferências/attitudes (MÁXIMO-ESTEVEES, 2008, p. 88),

(g)-Triangulação de metodologias e de dados. Cruzamos toda a informação obtida dos vários instrumentos, com as suas metodologias próprias, com a técnica da 'triangulação', comparando e relacionando os dados entre si para a obtenção de uma melhor compreensão.

Análise e interpretação

Em vista da compreensão das representações dos alunos sobre a leitura e biblioteca escolar, foi realizado um inquérito por questionário aos alunos da turma do 3º ano do 1.º CEB (n=26 inquiridos), com idades compreendidas entre os 7 e 8 anos. Os dados do inquérito aplicados foram tratados com recurso ao programa informático Statistical Package for Social Sciences 20.0 (SPSS) de tratamento estatístico.

Inquérito por questionário aos alunos. Ao analisar a amostra em termos sociodemográficos, podemos inferir uma boa dispersão face ao sexo dos inquiridos, com a proporção de alunos do sexo masculino (52%) a equivaler ao sexo feminino (48%). Relativamente à sua proveniência, verifica-se que a quase totalidade reside em zonas urbanas da cidade (96,15%). Em termos do contexto familiar relativamente ao livro, os dados mostram que mais de 80% dos alunos refere ter mais de 50 livros não escolares em casa e que costumam receber livros (96,15%), como presentes de aniversário, no Natal, etc. Todos os alunos responderam que tinham livros em casa, sendo os manuais escolares e os livros de histórias os mais indicados, seguido enciclopédias, atlas, etc. Referem, na sua maioria, que quando eram pequenos liam-lhes histórias em casa (maioritariamente a mãe), sendo que este ritual mantém-se para cerca de 61% dos mesmos. Além deste facto, para 96% dos inquiridos a família incentiva à leitura. No que diz respeito à variável de frequência de bibliotecas, cerca de 69% refere frequentar outra biblioteca (municipal) além da sua biblioteca escolar.

No que diz respeito às representações/perceções da leitura nos alunos inquiridos, os dados mostram que a totalidade gosta de ler, e que a grande maioria o faz para aprender mais (53%). No que concerne à questão/Item “Porque é que lê?” afirmam que a leitura é “por gosto” (26%), para “viver aventuras” (23%) e para “desenvolver a criatividade e imaginação” (19%). Os alunos revelam interesse pela leitura de forma intrínseca e motivada, numa adequada vontade de aprender. Na percepção que os alunos têm sobre a importância da leitura (80%) consideraram contribuir “Muitíssimo” para os seus resultados escolares.

Em relação às escolhas dos tipos de textos/livros apreciados pelos alunos, denota-se o especial gosto pelos livros de aventuras (92%), seguido pela banda desenhada (73%), poesia (61%) e textos cómicos (57%). Os textos menos apreciados pelos alunos foram o texto dramático (26%) e os jornais/revistas (23%). Relativamente ao tipo de escrita, os inquiridos preferem maioritariamente “Ler livros com mais texto e textos mais longos”. Assim, a amostra denotou um elevado interesse pela leitura, revelado resposta à

questão/Item sobre o número de livros completos já lidos (80%) dos alunos indicaram mais de 7. Ao relacionar as duas últimas questões, o tipo de escrita e o número de livros lidos, foi possível verificar que do total dos que leram mais de 7 livros apenas 15% preferem menos textos e textos menos longos.

Nas questões/Itens sobre a biblioteca escolar, os alunos inquiridos foram solicitados a responder à frequência, utilidade, atividades, espaço e requisição de livros. Na 'frequência da biblioteca escolar', a maioria (76%) refere que apenas o faz 1 a 2 vezes por semana. Em relação à 'utilidade ou sobre o que costumam fazer na biblioteca', a opção mais referida foi "ler livros" (96%), "estudar e fazer trabalhos" (57%) e "pesquisar e investigar" (46%), sendo as opções "ocupar os tempos livres" e "consultar obras" as menos referidas. Relativamente às 'atividades realizadas pela biblioteca', a maior parte refere participar nas mesmas (96%) e consideram o espaço da biblioteca agradável e confortável (100%). Sobre a 'requisição de livros', a maioria requisita livros semanalmente (76%).

Inquérito por entrevista. Com base nos dados recolhidos, tendo conduzido as entrevistas em separado, por forma a garantir a objetividade e imparcialidade dos resultados, pudemos verificar, à posteriori, que quer a coordenadora da biblioteca (CBE), quer a professora bibliotecária (PB) apresentam visões similares às questões, no entanto, há uma visão mais ampla acerca do que ocorria na biblioteca por parte de PB, uma vez que mencionou situações, que registámos e vivenciámos, sobre "Programa A Mala pedagógica" considerando-o 'muito positivo'. De uma forma geral, ambas (PB; CBE) partilham as mesmas ideias, pois consideram que os alunos começam a frequentar o espaço da biblioteca desde o 1.º ano de escolaridade.

No que diz respeito à frequência dos alunos do 3.º CCEB no, espaço, estes têm um horário semanal para estarem na biblioteca acompanhados pelo professor titular (cerca de 90 minutos), no entanto, também a frequentam sem ser no tempo destinado à aula. Existem ainda, alguns alunos que fazem parte do grupo de ajudantes da biblioteca à hora de almoço. As respostas de PB e CBE confirmam que os livros que as crianças mais requisitam são essencialmente literatura infantil. Já no que respeita ao espaço da biblioteca ambas (CBE, PB) consideram o espaço atraente, pois promove diversas atividades cativantes que incentiva os alunos a serem bons leitores, nomeadamente o encontro com escritores e ilustradores, concursos, jogos literários, visionamento de filmes, e exploração de materiais audiovisuais. Importa destacar, ainda, segundo a coordenadora da biblioteca que "há professores que incutem esse hábito nos alunos de vir cá, eles não dinamizam nenhuma sessão especial, vêm cá para requisitar os livros e são ainda um número significativo de professores que os põe a ler no espaço da biblioteca (...) Criámos uma dinâmica (...) que consiste em colocar os mais velhos a lerem para os mais novos, não só ler o livro, como também apresentá-lo. Está a ser realmente um sucesso." (ECB).

No que toca à professora (PT) realizámos uma entrevista mais detalhada, pois considerámos que o seu depoimento era vital na compreensão de como os alunos vão sendo preparados ao longo do 1.º CEB, uma vez que é responsável da turma desde o seu primeiro ano. Quanto às atividades preparatórias relativas à aprendizagem da leitura a PT indicou "jogos, lotos de figuras, de sílabas e de letras. Descreveram imagens, fizeram apresentações de livros com imagens, contando as histórias, associaram imagens às palavras, assinalaram diferenças em figuras parecidas e também desenvolvi a hora do conto" (PT). Introduziu estas tarefas a partir dos 6 anos, pois considera que nestas idades os alunos já têm "maturidade para o fazer e têm uma grande curiosidade sobre o que é ler". No que toca ao seu método de ensino, constato que pauta pelo "análítico-sintético (...) a apresentação do grafema, fonema, identificação da letra em palavras, formação de sílabas, e de palavras e progride-se para a frase" (PT).

No que diz respeito ao tempo diário dedicado às atividades de leitura/escrita com

os alunos, referiu “cerca de duas horas” e proporciona diversificadas atividades relacionadas com a leitura, nomeadamente, ler silenciosamente na aula, ouvir a leitura em voz alta do professor, aprender vocabulário novo a partir dos textos, ilustrar o que se leu, ler outros textos que não os do manual escolar, fazer resumos orais dos textos lidos, inventar histórias a partir de imagens, ir à biblioteca ler livros, e leitura em coro. Confirmamos que PT desde o 1.º ano incutiu o gosto pela leitura “sempre que eles terminam o trabalho têm um livro de histórias para não se destabilizar a turma”, bem como o uso do livro como forma de manter os alunos concentrados, após terem terminado as suas tarefas, mantendo assim o silêncio na turma. Sendo que verifica o progresso que os alunos foram tendo “eles foram progressivamente lendo cada vez mais e tinham gosto em ler e muitas vezes até para os colegas” (PT). No seu entender a leitura é significativa para os alunos “porque já dão atenção a áreas que gostam mais, permitindo-lhes pesquisar, saber mais sobre diversos assuntos”. No que diz respeito à leitura de excertos ou obras integrais, a professora dá prevalência a “excertos, porque se podem apresentar diferentes tipos de escrita e fazer comparações entre elas” (PT). Em relação à questão “faz leitura que induza à descoberta e à criação/continuação ou finalização de histórias” PT referiu induzir principalmente à criação e continuação de textos.

Triangulação dos dados

Ao cruzarmos os dados das entrevistas, as professoras bibliotecárias (CBE, PB) e a professora (PT), incentivam os alunos para serem bons leitores e explicitam-lhes os seus benefícios. No caso de PT, refere que os hábitos de leitura se encontram corretamente enraizados na turma, pois esta desde cedo havia desenvolvido estratégias para não só os por a ler, mas para que se sentissem motivados para leitura, tornando-se assim a atividade, não numa obrigação, mas sim, numa atividade agradável e proporcionadora de bem-estar. No entanto, consideramos que, apesar de ser sem dúvida vital o acompanhamento desde o 1.º ano de escolaridade, este acompanhamento se inicia na pré-escolar, quando as educadoras começam desde cedo a fomentar o gosto pela leitura, criando elas próprias estratégias para que as crianças se sintam contentes a ler, como seja as leituras em voz alta, que despertam o seu imaginário, bem como os jogos que envolvam letras e palavras. Na verdade confirma-se que a escola continua, integra e amplia a obra educativa da família, já que esta exerce a influência máxima na transmissão dos valores, da cultura e das tradições sociais.

Entendemos, que as questões da investigação se confirmaram, nomeadamente o que leva o aluno a tornar significativa a sua leitura, uma vez que, aquele ao sentir-se estimulado vai sem se aperceber desenvolver e criar hábitos e gosto pela leitura. Este estímulo teve de provir igualmente de casa, pois os pais desempenham um papel fulcral, na medida em que estes os acompanharam/incentivaram na leitura/escrita, tendo ao seu dispor uma grande diversidade de livros para puderem explorar em casa. Consideramos destacável o prazer que o aluno retira em ler livros de aventuras e banda desenhada, o que depreendemos o seu fascínio pelo imaginário, criando uma realidade própria, onde têm a liberdade de sonhar, enquanto se embrenham na história narrada.

Por outro lado também a biblioteca escolar tem um papel determinante nos hábitos de leitura, pois coloca à disposição dos seus alunos, obras literárias e um conjunto de atividades que, para além de visarem transmitir conhecimento, têm subjacente uma base lúdica e recreativa, que lhes permite aprender enquanto retiram prazer da leitura. Assim, a construção/participação em atividades de exploração com a obra “Histórias de um leque mágico”, que empregámos, contribuiu para uma melhoria da leitura, uma vez que observámos in loco que os alunos ao explorarem o texto e ao sentirem que fazem parte do mesmo, não só se limitaram a ler as palavras, mas fundamentalmente a perceber o seu

verdadeiro significado (sentido de leitura compreensiva e significativa). Evidenciamos, desta forma, as atitudes e os comportamentos demonstrados pelos alunos durante a realização do programa "A Mala Pedagógica", que no dizer da PT (evidências de segmentos de texto da entrevista):

"os alunos revelaram-se muito empenhados e interessados ao longo do desenvolvimento do trabalho, participando ativamente quer na realização de fichas, quer na apresentação de novas ideias, quer na produção de materiais que acompanham a mala. (...) um grande número de alunos adquiriu a obra para si, ficaram mais motivados para participar em atividades com outros autores e para além da divulgação (...), os alunos apresentaram a história aos colegas da pré-primária."

Destes extratos da entrevista de PT podemos referir a motivação dos alunos do 3.º ano durante o programa de intervenção, gerando ideias relacionadas com a leitura das histórias, promovendo atividades atrativas, incluindo a sua dinamização com as crianças da pré-escolar da mesma escola.

(In) Conclusão

Com este estudo partilhámos experiências de aprendizagens com os alunos de uma turma de 3.º ano 1.º CEB. Os resultados obtidos contribuíram para a disseminação de práticas promotoras da leitura e do uso da biblioteca escolar, no contexto duma literacia da informação. Confirmámos que biblioteca escolar é um espaço indispensável para o desenvolvimento da literacia da informação nos alunos 1.º CEB, sendo essencial que aquela funcione de forma dinâmica e que a sua organização potencie a utilização dos seus recursos e serviços (plano). É essencial manter uma biblioteca viva, interativa e funcional. A organização da biblioteca, por si só, não tem utilidade se não for compreendida e utilizada pelos seus alunos e comunidade educativa. No caso das escolas sem um professor bibliotecário a tempo inteiro, parece incomportável manter uma biblioteca organizada sem a participação de outros intervenientes, por exemplo a criação de grupos colaboradores na sua organização, dos pais/encarregados de educação, etc. (SILVA, 2000). Todas as atividades organizadas no programa de intervenção tiveram a pretensão dar a conhecer a organização da biblioteca aos seus utilizadores e sensibilizá-los para uma adequada utilização daquele espaço.

Os registos das grelhas de observação, durante as sessões de intervenção e do inquérito por questionário aos alunos, permitiram-nos concluir que as atividades desenvolvidas ajudaram a aumentar o gosto pela leitura (histórias), incrementar o uso da biblioteca e a compreensão da sua organização. Estrategicamente melhoramos o impacto da biblioteca no desenvolvimento das literacias da informação, tecnológica e digital. Conseguimos sensibilizar os professores para a importância da literacia da informação no contexto da aprendizagem do 1.º CEB, de modo a desenvolverem a capacidade dos alunos para pesquisar informação com diferentes recursos informativos. Constatámos que houve uma evolução nos alunos da turma do 3.º ano 1.º CEB, que mostraram mais conhecimentos sobre os recursos informativos da biblioteca escolar, compreendendo melhor as suas características e funções, além de mostraram mais capacidade para localizar e utilizar a informação sobre livros e documentos. O projeto de intervenção 'A Mala Pedagógica' teve como ponto de partida a leitura de histórias e o uso da biblioteca escolar, no contexto da literacia da informação, tendo aumentado o prazer de ler nos alunos do nosso estudo.

Em definitivo, a investigação teve o condão de aprofundar duas questões que consideramos primordiais na educação atual, uma vez que a leitura é uma das chaves do sucesso dos alunos do e que lhe confere as ferramentas para que possa evoluir enquanto pessoa, desenvolvendo-lhes competências de literacia de informação.

Referências

- BENAVENTE, A. **A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- BISQUERRA, R. **Métodos de investigação educativa**. Barcelona: Edições CEAC, 1989
- BOGDAM, R., & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRAGA, M. I. Uma formação útil para a literacia no novo contexto de Bolonha. In M. M. BORGES, & E. S. CASADO, (org.), **A Ciência da Informação criadora de conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 287-310.
- CALIXTO, J. A. **A biblioteca escolar e a sociedade da informação**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.
- _____. A. Literacia da informação: um desafio para as bibliotecas. In: SEÇÃO DE CIÊNCIAS DOCUMENTAIS - Departamento de Ciências Técnicas do Património (org.), **Homenagem ao Professor Doutor José Marques**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p. 39-48.
- _____. **Ter ou não ter bibliotecário na escolar: Valor e impacto dos recursos humanos nas bibliotecas escolares**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007
- CONDE, E. No terreno: Bibliotecas escolares, ambientes de aprendizagem permanente. **Noesis**, (82), 2010, p. 24-29.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais**. Lisboa: Ministério da Educação/DEB, 2000.
- FARIA, M. I., & PERICAO, M. G. **Dicionário do livro: Da escrita ao livro eletrónico**. Coimbra: Almedina, 2008.
- FÉRNANDEZ, G., & RITA, C. **Formación de usuarios y educación documental en bibliotecas infantiles y juveniles**. Salamanca: Fundación Germán Sanchez Rupérez, 2006
- KUHLETHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola: Um programa de atividades para o ensino fundamental** (2.ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MÁXIMO-ESTEVEZ, L. **Visão Panorâmica da Investigação-Ação**. Porto: Porto Editora, 2008.
- MSI. **Livro verde para a sociedade da informação em Portugal**. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 1997.
- NOVO, A. Bibliotecas, bibliotecários escolares e sucesso educativo. In J. A. CALIXTO, **Ter ou não ter bibliotecário na escolar: Valor e impacto dos recursos humanos nas bibliotecas escolares**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 51-63.
- PINTO, M. G. C. Da literacia ou de uma narrativa sempre imperfeita de outra identidade pessoal. **Revista Portuguesa de Educação**, 15, (2), 2002, p. 95 -123.
- PIRES, A. L. **Educação e formação ao longo da vida: Análise crítica dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens e de competências**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, 2005.
- REIS, C. (coord.). **Programas de Português do Ensino Básico**. Lisboa: ME7Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2009
- RIEF, F. S., & HEIMBURGE, J. A. **Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva**. Porto: Porto Editora, 2000
- ROSA, M. Formação ao longo da vida: Novas exigências e novas parcerias. In A. QUINTALHA et al., **Cruzamento de Saberes, Aprendizagens Sustentáveis**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 113-118
- SILVA, L. M. **Bibliotecas Escolares: Um contributo para a sua justificação, organização e dinamização**. Braga: Livraria Minho, 2000.

_____. **Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo**. Braga: Universidade do Minho, 2002.

-SIM-SIM, I. (2001). A formação para o ensino da leitura. In I. SIM-SIM (org.), **A formação para o ensino da Língua Portuguesa na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico: Cadernos de formação de professores**. Porto: Porto Editora, 2001, p. 51-64

-TODD, R. Aprendizagem na escola na era da informação: Oportunidades, resultados e caminhos. **Noesis**, 82, 2003, p. 24-29

-VEIGA, I.et al. (coord.). **Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares**. Lisboa: M.E., 1997

Recebido em: 08/06/2014

Aprovado para publicação em: 29/11/2014